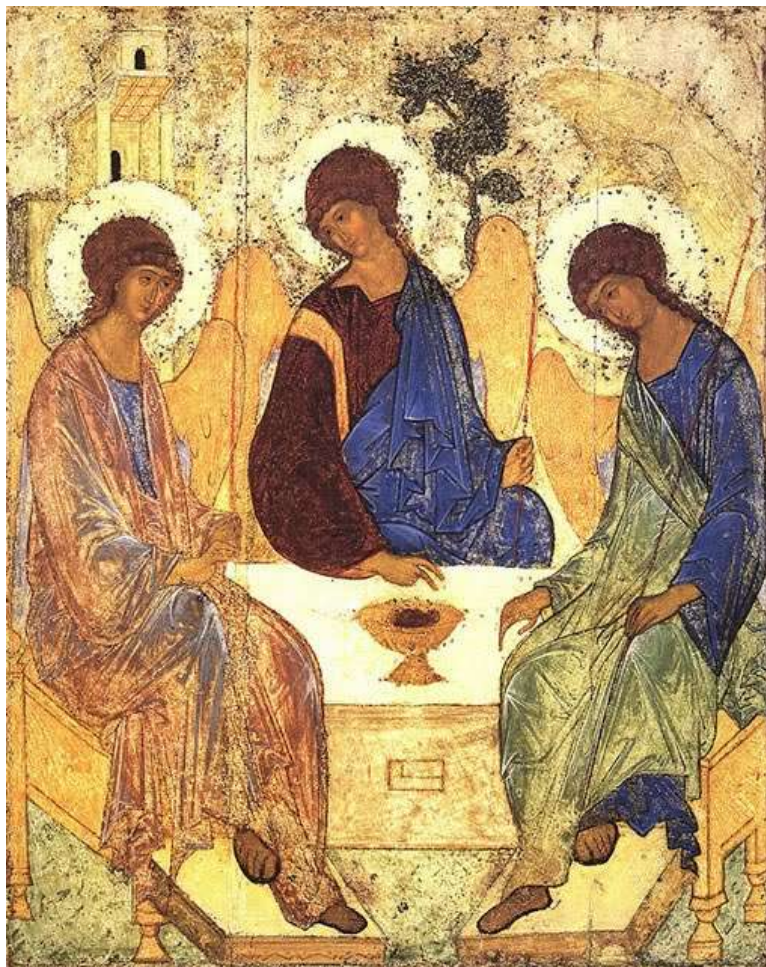


A COMUNICAÇÃO MODO DE SER DE DEUS E DE SUAS FILHAS



A primeira coisa que nossas Constituições afirmam sobre a comunicação é que Deus se comunica. Comunica sua graça, comunica seus bens... Comunica-se com a pessoa (CFI 4). Este é também, o princípio dos EE na 15ª anotação: “... em tais Exercícios espirituais, mais conveniente e muito melhor é que, procurando a vontade divina, o mesmo Criador e Senhor se comunique à pessoa espiritual, abraçando-a em seu amor e louvor e dispondo-a para o caminho em que melhor poderá servi-lo depois” (EE 15). Esta comunicação de Deus e esta disponibilidade da pessoa para a comunicação de Deus é a base da vida espiritual.

DEUS SE COMUNICA

O cristianismo é uma religião monoteísta, e o que caracteriza a fé cristã é que, sendo monoteísta, não é ‘monística’. O cristianismo confessa um só Deus, mas não um Deus sozinho, solitário, fechado em si mesmo. O cristianismo confessa que Deus é comunhão perfeita de três pessoas distintas, o que quer dizer: Deus é em Si mesmo, comunicação.

Quando nos ensinaram o dogma da Trindade nos explicaram, talvez o tenhamos já esquecido, as “processões” da Trindade: o Filho que procede do Pai, e o Espírito que procede do Pai e do Filho. Também nos explicaram, e possivelmente alguma vez já rezamos como se dão as relações entre as três pessoas divinas distintas: total abertura, acolhida e doação, transparência, de onde nasce a perfeita comunhão. E nos fizeram aprender de memória as características das relações intratrinitárias: sem fusão, sem absorção, sem separação.

Ficou famoso o ícone da Trindade de Andrei Rublev (1360-1427) representada por três anjos sentados ao redor de uma mesa – altar e em cujo centro está o cálice da Eucaristia. O ‘centro’ da Trindade, se podemos falar deste modo, não está nela mesma, mas na humanidade que deseja salvar. Os ícones são fruto da

contemplação-oração-meditação do artista. Neste ícone se percebe a ‘circularidade’ das relações entre as três pessoas: olhares, orientação dos corpos para o outro, abertos, receptivos, centrados no mistério da encarnação-redenção (expressado no rosto de Cristo refletido no cálice da mesa). E a Trindade aberta para acolher quem quiser compartilhar a mesa e a refeição com Ela.

Imediatamente vem à nossa mente a primeira meditação-contemplação da segunda semana dos EE (102):

O primeiro preâmbulo é lembrar a história do que quero contemplar: como as três pessoas divinas olhavam toda a superfície plana ou curva do mundo, cheia de gente. Vendo como todos desciam ao inferno, determinam, em sua eternidade, que a Segunda Pessoa se faça homem, para salvar o gênero humano. Assim, chegada a plenitude dos tempos, o anjo Gabriel foi enviado a Nossa Senhora.

No Diário Espiritual de Santo Inácio percebemos a importância que a Trindade tem para ele em todo o processo de discernimento, e sua atitude de acatamento e reverência. A Trindade se manifesta ativamente como fonte e princípio de ação. A contemplação inaciana da Trindade é essencialmente apostólica. O dicionário de espiritualidade inaciana, no vocábulo ‘Trindade’, reconhece que a dimensão trinitária fundamenta o sentido inaciano de missão. Há um documento muito interessante do Padre Adroaldo Palaoro SJ sobre a importância da Trindade na espiritualidade de Santo Inácio.

COMUNICANDO-SE, DEUS SE REVELA

Porém, não se trata apenas de uma revelação pessoal ou carismática de Santo Inácio. O fundamento do cristianismo é a Revelação de Deus: um Deus que se comunica, se manifesta, se ‘revela’. Retira o véu que o cobria para se fazer tangível, visível, para se dar a conhecer. É o que nos diz o número dois da Constituição Dogmática “Dei Verbum” sobre a Revelação divina. Um único

número que poderia ser matéria de meditação e contemplação para oito dias de retiro:

“Aproveu a Deus, em sua bondade e sabedoria, revelar-se e tornar conhecido o mistério de sua vontade (cf. Ef 1, 9), pelo qual os homens têm, no Espírito Santo, acesso ao Pai e se tornam participantes da natureza divina por Cristo, Verbo feito carne (cf. Ef 2, 18; II Pe 1, 4). Mediante esta revelação, portanto, o Deus invisível (cf. Col 1, 15; I Tim 1, 17), levado por seu grande amor, fala aos homens como a amigos (cf. Êx 33, 11; Jo 15, 14-15), entretém-se com eles (cf. Bar 3, 38) para convidá-los à participação de sua intimidade. Esta economia da Revelação se concretiza através de acontecimentos e palavras intimamente conexos. Assim, as obras realizadas por Deus na História da Salvação manifestam e corroboram os ensinamentos e as realidades significadas pelas palavras. Estas, por sua vez, proclamam as obras e elucidam o mistério nelas contido. No entanto, o conteúdo profundo da verdade comunicada por esta revelação a respeito de Deus e da salvação do homem se nos manifesta em Cristo que é ao mesmo tempo mediador e plenitude de toda a revelação”.

‘Aproveu’ é o pretérito do verbo ‘aprazer’; foi o prazer de Deus, Deus se agradou ao se dar a conhecer à humanidade e a dar-nos a conhecer “o mistério de Sua vontade”. Como não recordar, aqui, o ‘discurso’ da “Sabedoria” no livro dos Provérbios: *“me deliciava com a humanidade”* (Prov. 8,31), e outro versículo do livro da Sabedoria: *“A sabedoria é um espírito amigo dos homens”* (Sab. 1, 6)? Como é importante não esquecer e gastar tempo para sentir e saborear que a iniciativa da vida espiritual não é nossa, não nasce de nosso desejo ou necessidade de irmos a Deus; nasce de Deus que não pode viver sem nós; somos sua ‘paixão’!

E qual é o mistério que Ele quer nos revelar? Que os seres humanos têm acesso ao Pai, pelo Filho, no Espírito e participam da natureza divina; que estamos chamados à comunhão com Ele. Quer dizer,

quando Deus se revela também nos revela quem somos nós. Revelando-se, Deus fala aos seres humanos como amigos, convive com eles para convidá-los a entrar em comunhão com Ele... Deus amigo dos seres humanos, relações entre iguais... Um número lindíssimo da “Dei Verbum” que deixo para a meditação-contemplação de quem o desejar.

Voltando a Santo Inácio e aos EE, podemos trazer à memória a contemplação final dos mesmos: a contemplação para alcançar amor, toda ela baseada na comunicação. De fato, a segunda nota colocada por Inácio neste último exercício de oração, oferece-nos uma reflexão sobre a comunicação entre Deus e a pessoa que faz o exercício:

“231 – A 2ª, o amor é comunicação de ambas as partes. Isto é, quem ama dá e comunica o que tem ou pode a quem ama. Por sua vez, quem é amado dá e comunica a quem ama. De modo que, se um tem ciência, ou honras, ou riquezas, dá ao que não as tem. E assim mutuamente”.

Portanto, para Inácio, a pessoa que fez os EE entrou nesta relação de comunicação mútua entre Deus e ela e brota, naturalmente, esta atitude de saber acolher, receber e agradecer a graça e todos os bens que procedem de Deus. E, de sua parte, entrega tudo o que tem e é a Deus. Convém notar que se trata de uma comunicação entre a pessoa amada e a amante, quer dizer: entre iguais, como amigos. Percebemos, assim, que comunicar é muito mais que informar, ‘dar conta’ ou dizer algo a alguém. A comunicação não é apenas transmissão de ordens ou proposta de regras. É intercâmbio de corações.

DESDE ADÃO E EVA

Fomos criados à imagem e semelhança de Deus – comunidade aberta que se comunica. Fomos criados nele e para Ele. Assim que nos desenvolvemos plenamente, não quando crescemos

intelectualmente, nos tornamos independentes e nos fechamos em nosso individualismo. A plenitude humana, como dizia João Paulo II,

“significa chamado à comunhão interpessoal, porque a imagem e semelhança do Deus trino são a raiz de todo o ‘etos’ humano... cujo vértice é o mandamento do amor” (Mulieris dignitatem, 7).

“Este supremo modelo de unidade, reflexo da vida íntima de Deus, Uno em três Pessoas, é o que os cristãos expressamos com a palavra “comunhão” (Sollicitudo Rei Sociales, 40).

Procedemos da comunhão em Deus, e estamos chamados à comunhão com Deus e entre nós. Isto supõe relações transparentes, livres, abertas, de dom e acolhida incondicional, à semelhança das relações trinitárias. É nossa origem e nossa meta. Por que é tão difícil para nós?

Quando Deus criou o ser humano, homem e mulher, a Bíblia nos diz que estavam nus, mas que não se envergonhavam um do outro (cf. Gn. 2, 25). Criados na transparência, as relações ‘naturais’ originais são de transparência e liberdade, sem necessidade de ocultar nada. Naturalmente podemos nos manifestar, e manifestar o que somos e vivemos sem medo nem pudor. A transparência, mais do que dizer ou não dizer coisas, é um modo de ser e de viver. Tem muito a ver com a simplicidade. Uma realidade simples não tem fingimento, não se pode separar, é una.

Parece que assim, nus, Adão e Eva em cada entardecer, ‘à brisa do dia’ passeavam com Deus pelo jardim. Vida simples e relações transparentes. Porém, o relato do Gênesis conta que ambos, homem e mulher caíram na tentação de querer controlar, possuir o conhecimento. Foi quando se deram conta de sua nudez, e procuraram se cobrir e se esconder do olhar possessivo do outro, e

também do olhar transparente de Deus (cf. Gn. 3, 1-11). O desejo de controlar e possuir rompe a comunhão original¹.

Quando acaba a transparência, até os discursos podem ser bons para nos esconder atrás de falsos argumentos. Aquela que era *'carne de minha carne e ossos de meus ossos'* é agora *'a mulher que tu me deste', 'a serpente'*... Parece que com a perda da transparência se perde, também, a capacidade de assumir as próprias responsabilidades e se procura culpar o outro. Desde Adão e Eva sempre o outro é culpado do mal que eu fiz! Vemos que não se é mais transparente nem se comunica mais quando se fala muito. Muitas vezes nos escondemos atrás de grandes e eloquentes discursos e palavras que não significam o que somos.

A partir disso tudo é possível: o outro se torna competidor, é uma ameaça da qual é necessário se proteger, ou é preciso eliminar. É a experiência de Caim e Abel. Depois a de Babel, e depois a do Egito e depois... Começa a exploração do homem pelo homem, e da natureza e criação para proveito e interesse pessoal. É para este mundo de violência e opacidade ao qual Deus tanto amou que Ele enviou seu Filho, não para condená-lo, mas para *'fazer a redenção do gênero humano'* (cf. Jo. 3, 16-17).

Nestes momentos nos vem à memória o Princípio e Fundamento dos EE e como Inácio coloca o objetivo dos mesmos: ordenar os afetos desordenados para escolher o que mais nos conduz ao fim para o qual somos criados. Como não recordar a oração preparatória que ele coloca antes de cada exercício de oração: *"que todas as minhas intenções, ações e operações estejam orientadas para teu divino serviço e louvor"*. Na linguagem inaciana é o que se

¹ Poderíamos fazer uma linda relação entre vida em comunhão e pobreza... Convido a ler, quem ainda não o fez, o livro de ELOI LECLERC *"Sabedoria de um pobre"*, sobre a crise de São Francisco de Assis, e como Francisco relacionava a pobreza e a fraternidade entre os monges.

chama 'reta intenção', a indiferença inaciana; o mais necessário e o mais difícil de conseguir na vida espiritual².

É curioso que Inácio não muda a oração preparatória em todos os EE, e pede fazê-la antes de cada um dos quatro ou cinco exercícios diários que propõe, e durante quatro semanas. É a oração que mais se repete. Significa que não podemos apenas supor a 'reta intenção' pois não é algo evidente, não é algo dado de uma vez por todas. Precisamos estar em constante atitude de suspeitar nossa 'reta intenção' e indiferença, por mais avançadas que nos consideremos na vida espiritual.

Recordando São Francisco de Assis, quem não se lembra daquela cena do filme *"Irmão sol irmã lua"*, quando Francisco vai ao encontro do Papa e explica, com toda simplicidade e clareza, o que queria viver e que criava tantos problemas em sua cidade natal. Este, escutando-o, diz: *"nos preocupamos tanto em definir o pecado original que nos esquecemos da graça original"...* É esta a graça que Deus quer nos comunicar, à qual nossas Constituições nos convidam a nos dispor com 'exercícios espirituais' para recebê-la (CFI 167).

Penso que devemos ler o que é a comunicação para as Filhas de Jesus, tendo em conta este pano de fundo.

A COMUNICAÇÃO NAS CFI...

O *Vocabulário das CFI* nos indica os três significados que a palavra *comunicação* tem nas CFI. O primeiro é o da comunicação de Deus sobre o qual já falamos (CFI 4, 59, 73, 114, 167). Todos estes artigos se referem a acolher a graça que Deus quer nos comunicar nas diferentes etapas da vida. São necessários "exercícios espirituais de devoção" para nos dispormos a acolher esta graça. É preciso 'prestar atenção às moções internas' para descobrir o que Deus quer nos comunicar. A comunicação tem muito a ver com a 'familiaridade

² Convido a ler o artigo "Intenção" de ALFREDO SAMPAIO COSTA, no *Dicionário de Espiritualidade Inaciana*.

com Deus' pedida a todas as Irmãs (CFI 143), e é ajuda para conservar a Congregação em seu bom ser, juntamente com a reta (pura) intenção (CFI 319).

O segundo significado é dar a participação em alguma responsabilidade de autoridade (CFI 5, 6, 173). O terceiro e último, que é o mais frequente, é o da inter-relação. Poderíamos, inclusive, dizer que o segundo sentido faz parte deste modo de se relacionar: a comunicação de corações. Assim como a Trindade se da e se recebe em confiança e responsabilidade para participar da missão comum, assim também é a comunicação da responsabilidade e participação na autoridade.

De fato, eu diria que a comunicação na Congregação parte de alguns princípios básicos que sustentam nossa vida:

- O sentido de pertença a um Corpo; corpo organizado, não como uma pirâmide, mas circularmente. A Comunicação vai e vem, corre em todos os sentidos do corpo.
- Cada uma é responsável pela própria vida e vocação; pela vida do Corpo, pela missão do Corpo e pelo bom ser do Corpo. Cada uma é responsável pela comunicação; responsável pelo que comunica e pelo que não comunica.
- Falar de responsabilidade é falar de discernimento, tendo como alvo o bom ser do Corpo. Podemos dizer que, assim como no ícone da Trindade, estamos sentadas à mesma mesa, voltadas umas às outras, oferecendo e recebendo, cada uma a partir do que é e tem, em permanente comunicação, mas com algo sobre a mesa que nos 'centra': o carisma e a missão recebidos do Senhor para compartilhar com a humanidade para quem existimos.
- É uma exigência para sermos pessoas maduras, autônomas; e o mesmo tempo, como dizem as CFI, pessoas espirituais e preparadas para avançar no caminho de Cristo e que sabem guiar-se pela discreta caridade (CFI 166).

Resumindo o que dizem as CFI a propósito da comunicação podemos dizer:

1. A capacidade de comunicação nos é pedida para sermos admitidas à Congregação (CFI 14). Esta comunicação está unida ao *“sejam sempre simples e claras”* pedido às noviças e a todas as Filhas de Jesus (CFI 55, 163).

2. A comunicação é importante no processo de discernimento:

- ✓ tanto para a admissão como para a separação da Congregação, tanto por parte da Provincial como da Superiora local e da Mestra de noviças (CFI 41, 44, 92, DNC 36);
- ✓ para discernir a missão (CFI 200);
- ✓ e ela mesma é objeto de discernimento: relações familiares, amizades, uso dos MCS... (CFI 51, 143, DNC 81).

Parece-me necessário ressaltar a importância da comunicação no processo de discernimento dentro do sentido de pertença a um Corpo. Porque a missão é da Congregação, cada uma necessita aportar responsabilmente os dados que as superiores necessitam para tomar as decisões que mais conduzem ao bem pessoal e dos próximos. O *“sejam sempre claras e simples”* (DNC 91, 148) coloca-se aqui e nos pede viver a vida com sentido e visão de Corpo, e não unicamente como realização de tarefas. Talvez a ‘conta de consciência’ dos jesuítas tenha a ver com este aspecto.

3. O Governo, em todos os níveis, se realiza em comunicação livre, fraterna, confiada, aberta (CFI 228, 232, 233, 236, 299, 307, 309, 316, DNC 145, 192).

4. A comunicação é um meio essencial para a união de ânimos (CFI 185, 236, 298, 326, DNC 87, 107, 114, 151, 154, 155).

São três os vínculos que aparecem nas CFI como os que nos unem às Filhas de Jesus e ajudam à união de ânimos, nos quais está implicada a comunicação:

- 1º) O amor de nosso Senhor (CFI 177, 234, DNC 113).

2º) A vontade, quer dizer, o desejo de nos acolhermos como irmãs, a decisão de nos amarmos como irmãs de uma mesma família (CFI 175, 191, 326).

3º) A obediência (CFI 227, 326, DNC 91, 148).

Transcrevo o número 114 das DNC. Parece-me que resume claramente a que estamos chamadas em relação à comunicação:

“Para manter nossa união fraterna, é necessário que nos abramos pessoalmente à experiência de Deus e nos esforcemos por chegar à verdadeira comunicação da fé que partilhamos.

Essa união, por sua vez, para ser construída, exige um ambiente de amor e confiança, simplicidade e alegria, que favoreça a comunicação espontânea, a ajuda mútua, a correção fraterna e, em geral, desenvolvimento de autênticas relações interpessoais”.

Nossa comunicação fraterna depende da comunicação com Deus, da experiência de Deus, da familiaridade com Deus, porque o que comunicamos é a fé. Esta comunicação somente será possível se coseguimos estabelecer entre nós autênticas relações interpessoais³.

Nossos documentos continuam com o conteúdo de nossa comunicação: o que comunicamos? A fé e a Boa Nova do Evangelho (DNC 107, 114, 131). No Dicionário de Espiritualidade Inaciana não aparece o vocábulo comunicação. Há um artigo sobre a Santíssima Trindade. Para o tema ‘união de ânimos’ indica vários artigos: Amigos no Senhor, Cartas, Comunidade e Família. Também é

³ Um aspecto importante, que mereceria uma reflexão particular, é o da correção fraterna, tão evidente dentro de relações interpessoais e tão difícil de aceitar, se não houver “*simplicidade e clareza*” nas duas partes; há o perigo de ser utilizada como arma de poder e controle.

interessante o artigo sobre a Contemplação para alcançar Amor, entre outros.

Em todo caso, nossa comunicação não pode se limitar a ‘contar coisas’, dizer o que fazemos, nem narrar nossos sucessos ou fracassos apostólicos. Nossa comunicação é o fruto espontâneo de um compartilhar a paixão por nosso Senhor Jesus Cristo em quem fixamos o olhar como Filhas; e por trabalhar com Ele e como Ele. Um artigo de Fernando Montes, publicado pela CPAL no mês de Abril e intitulado *“Nossa missão, mais que um trabalho é uma relação entre pessoas”* poderá iluminar nossa reflexão. Afinal, a missão é também questão de comunicar o que somos sem nos esconder atrás de atividades ou discursos.

... E EM NOSSA VIDA

Com certeza todas temos experiências muito positivas de comunicação fraterna, de ajuda mutua. Para muitas de nós é este o modo habitual de relações com as Irmãs e com as pessoas. Nessas relações de comunicação crescemos como pessoas e como religiosas. Levam-nos a mais entrega e com maior alegria. Estão baseadas nas possibilidades e não nos limites de cada uma. São relações que nos nutrem e nos abrem jamais nos fecham na posse da outra. São relações de irmã para irmã sem dependências nem maternalismos.

Pessoalmente estou convencida de que o modelo de nossas relações e comunicação não pode ser o de um casal no sentido de ‘você é para mim e eu sou para você’; nem o da relação de mãe e filha ‘unilateral e reverencial’. Inclusive se vivemos somente duas pessoas na casa, o modelo da relação e comunicação deve ser de irmãs. A comunicação entre irmãs se caracteriza, me parece, por um forte sentido de pertença à mesma família que nos dá a mais profunda identidade, porém, dentro de uma grande liberdade, autonomia e abertura que permitam a cada uma dilatar todas as suas

capacidades. Por isso a dicotomia entre o comunitário e o pessoal, me parece muitas vezes falsa e de pouca perspectiva.

Somos o que somos: Filhas de Jesus. Essa é nossa identidade mais profunda que nos faz Filhas e Irmãs, segundo o carisma da Madre Cândida. E, a partir do que somos, precisamos expandir todas as nossas capacidades para oferecer o carisma, o que somos a toda a humanidade. Devemos desconfiar de relações que nos fecham, nos igualam, uniformizam, limitam... *“sem separação, sem fusão, sem absorção”*, comunhão de diferentes, não como negociação, mas como reconhecimento da mesma origem e fim.

Às vezes, entretanto, manifestamos falta de comunicação em nossas comunidades. Não estamos satisfeitas com o tipo, o nível ou o estilo de nossas relações. Não conseguimos viver esse saber dar e receber aberto, livre, franco, fraterno, sem criar relações de poder, controle, dominação; sem absorver, fundir, unificar, anular ou submeter.

Temos medo da transparência porque tememos ser manipuladas, mal-entendidas, julgadas. Falta-nos tempo gratuito para nos olhar amavelmente, acolher-nos e receber da e na outra, sem preconceitos nem julgamentos. Falta-nos saber estarmos bem juntas, assim como somos: gratuita e incondicionalmente, porque somos membros do mesmo Corpo, porque por nossas veias corre o mesmo sangue do carisma e missão, porque temos os mesmos anseios e sonhos.

Muitas vezes confundimos comunicar com estar a par de tudo o que acontece ao nosso redor. Confundimos comunicar com informar, e estar informadas com estar comunicadas; e não são sinônimos. Podemos saber tudo o que acontece em todo o mundo e pode ser que isso não nos mova por dentro, são informações que nada comunicam se não nos dispomos à graça que Deus nosso Senhor queira nos dar através delas. Mas, se soubermos acolher a graça, a informação se transforma em exercício espiritual: escutar a vida.

É verdade que as notícias entre nós ajudam na comunicação se forem acolhidas como intercâmbio de corações e não como mera informação. Entretanto, algumas vezes poderemos correr atrás de novidades com um interesse doentio de ‘fofoca’. E, como é mais fácil falar de outros do que de si mesma, esse pretendido desejo de ‘conhecer’ e ter notícias é outra maneira de nos esconder...

Às vezes é mais fácil para nós estabelecer comunicação com pessoas de fora da Congregação ou da comunidade. Para fora compartilhamos melhor a fé, a vida, os desejos e sonhos. Sem menosprezar esta comunicação, porque por ela também passa Deus, poderíamos nos perguntar: o que condiciona ou freia a comunicação entre nós?

Estamos chamadas a estabelecer relações livres de tudo e de todas, abertas a tudo e a todas, para oferecer-nos e acolher a todos e a todas; amar a Deus em todas as coisas e todas as coisas em Deus (CFI 62, 167). É um chamado e um ideal para perseguir durante toda a vida. Ao mesmo tempo, deveremos saber lidar com as relações de poder, controle, dependência, fusão, independência, desprezo, indiferença... em nós e ao redor de nós, e trabalharmos para ser mulheres de relação livre e madura ou, como proclamamos na última Determinação, *“mulheres de comunhão, reconciliadas e reconciliadoras”* (Det CG XVII, 19).

Para isso, não podemos resistir à necessidade do perdão. Precisamos exercitar-nos no perdão, sermos capazes de reconhecer nossa necessidade de ser perdoadas, e sermos capazes de oferecer o perdão, sem vitimismos nem revanches, sabendo que *“o perdão libera a alma”*, como dizia Mandela.

“Não existe família perfeita”, dizia o Papa Francisco em Cuba, e continuo com este texto atribuído a ele: *“Não temos pais perfeitos, não somos perfeitos, não nos casamos com uma pessoa perfeita nem temos filhos perfeitos. Temos queixas de uns para os outros. Decepcionamos-nos uns aos outros.*

Portanto, não existe um casal saudável nem família saudável sem o exercício do perdão. O perdão é vital para nossa saúde emocional e sobrevivência espiritual. Sem perdão a família se converte em um cenário de conflitos... Sem o perdão a família adocece. O perdão é a purificação da alma, a limpeza da mente e a libertação do coração. Quem não perdoa não tem paz no coração nem comunhão com Deus. A dor é um veneno que intoxica e mata. Guardar uma ferida do coração é um gesto autodestrutivo, é autofagia. Quem não perdoa adocece fisicamente, emocionalmente e espiritualmente”.

Em nossa família congregacional, todas temos motivos de queixa umas de outras. O importante é saber se temos motivos para conviver em harmonia e comunhão, e se estes são mais fortes do que aqueles.

Que o Senhor nos ajude a viver dispondo-nos para receber a graça que Ele nos quer comunicar, em ‘docibilitas’⁴ ao Espírito.

Pilar de la Puerta, FI
Pemba, Abril 2016

⁴ É um termo latino que não foi traduzido nas línguas modernas. Literalmente significa “disponibilidade para se deixar ensinar, disponibilidade para aprender”. Em AMADEO CENCINI, *¿Creemos de verdad en la formación permanente?* – p.58.

BIBLIOGRAFIA

- FI, *Constituciones del Instituto de las Hijas de Jesús*, Roma, 1985
- FI, *Directrices y Normas Complementarias de las Constituciones del Instituto de las Hijas de Jesús*, Roma, 1985
- AMORÓS C. y LINDE P., *Vocabulario de las Constituciones*, FI Roma, 1989
- CONCILIO VATICANO II: *Dei Verbum*, Roma, 1965
- BOFF, L., *La Santísima Trinidad es la mejor comunidad*, Sal Terrae, Santander, 1990
- BUCKLEY, M., “Contemplación para alcanzar amor”, en: GEI, *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*, Sal Terrae, Santander, 2007
- CORELLA, J., “La pedagogía de la transparencia según las Constituciones y las Normas Complementarias de la Compañía de Jesús”, en: *Transparencia en la Vida Religiosa*, CPAL, Lima, 2003
- GARCIA DE CASTRO, J., “Comunidad”, en: GEI, *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*, Sal Terrae, Santander, 2007, pp. 362 – 369
- Id. “Cartas”, en: GEI, *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*, Sal Terrae, Santander, 2007, pp. 294 – 306
- MONTES, F., “Nuestra misión, más que un trabajo, es una relación entre personas”, en: CPAL, *Artículos mensuales*, Lima, Abril 2016
- NASCIMENTO DE JESUS L., *Princípios éticos para a comunicação social a partir da Instrução pastoral* Comunio et Progresso, São Paulo, 2012
- O’DONNELL J., “Trinidad”, en: GEI, *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*, Sal Terrae, Santander, 2007, pp. 1720 – 1727
- OSUNA, J., “Amigos en el Señor”, en: GEI, *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*, Sal Terrae, Santander, 2007, pp. 143 – 148
- PALAORO A., interativo.jesuitasbrasil.org/painel/#/content/elementos/trinitaria. Acceso en: 30/6/2015
- SAMPAIO COSTA, A., “Intención”, en: GEI, *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*, Sal Terrae, Santander, 2007, pp. 1042-1046
- <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/513493-teologia-da-comunicacao-artigo-decarlo-maria-martini>. Acceso en: 30/6/2015
- http://teresadejesus.carmelitas.pt/ficheiros/noticias/Teresa_SSTrindadeEncarnacaoEucaristia_parte3.pdf. Acceso en: 30/6/2015